Jornal do
FORUM das seis
STU
SINTUSP
SINTEPS
SINTUNESP
ADUNICAMP
ADUSP - S. Sind.
ADUNESP - S. Sind.
Ago/Set 2004

Greve vitoriosa semeia o terreno para as lutas do segundo semestre

O Cruesp e o governador Zeroaldo acharam que seria fácil nos derrotar. Estavam enganados. Fruto da garra da categoria, arrancamos a reposição da inflação e uma política salarial entre 2004 e 2005. Agora, vamos prosseguir na luta por mais verbas para as universidades, contra a reforma universitária, por uma expansão de vagas com garantia de recursos e assistência estudantil de qualidade

Docentes, servidores e estudantes saem da greve fortalecidos e com uma certeza: a luta é indispensável para obtermos conquista! Depois de uma paralisação que durou mais de 60 dias, o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) acabou cedendo diante da forte mobilização da comunidade acadêmica. A greve de 2004, a exemplo do que ocorreu em mobilizações anteriores, encontrou na intransigência dos reitores o ânimo para se fortalecer. Eles propuseram, por sete vezes, reajuste zero para a data-base 2004, mas tiveram que recuar e repor a inflação do ano (4,18%), além de dar uma política salarial que prevê reajuste (provavelmente, 1,6%) em janeiro/05.

A intransigência demonstrada pelos reitores não se deu por acaso. Ao longo dos últimos anos, eles vêm cedendo ou compactuando com a política eleitoreira do governador Zeroaldo Alckmin, o que ficou claro, por exemplo, com a expansão de vagas sem garantia de financiamento regular e, em alguns casos, de baixa qualidade. Queriam impor, nas universidades, a filosofia do governo tucano, que combina desmonte dos serviços públicos com arrocho salarial.

Também é preciso situar nossa greve no âmbito da conjuntura política mais ampla. O governo Lula já aciona mais duas reformas que atendem às imposições do FMI: a sindical/trabalhista e a universitária. A resistência às imposições do governo Zeroaldo deu maior vitalidade às nossas entidades representativas. Isso fortaleceu a capacidade organizativa de docentes, servidores e estudantes participarem, juntamente com os demais movimentos sociais, da oposição a essas reformas, sendo que a primeira delas concentra poder na estrutura vertical das centrais sindicais e a outra tem perspectiva privatizante e utilitarista para as universidades.

A greve termina com inegáveis conquistas, tanto no campo econômico quanto no político. É claro que o índice conquistado está aquém das nossas reivindicações, mas também é inegável que, sem a greve, teríamos zero na data-base e zero na política salarial. No campo político, tivemos vitórias muito expressivas: alcançamos grande espaço na mídia, conseguindo muitas vezes evidenciar as dificuldades por que passam as universidades públicas e o volume limitado de vagas que acabam oferecendo, devido à falta de investimentos estatal (atendem somente 1,8% dos jovens entre 18 e 24 anos no estado de São Paulo). Fizemos denúncias de questões gravíssimas que prejudicam o conjunto dos serviços públicos e não apenas a educação superior: o enorme volume de sonegação fiscal, o "golpe do Geraldo" (o decreto nº 48.034/03, que isentou do ICMS as compras do estado), entre outros. Estivemos diariamente na Assembléia Legislativa, por ocasião da votação da LDO 2005. Se não conseguimos o aumento de verbas para as universidades e o Centro Paula Souza desta vez, certamente semeamos o terreno para outras lutas (*inclusive agora, na LO, como mostra matéria na página 3*).

Uma greve, muitas histórias de luta

A greve teve particularidades em cada uma das três universidades e nas diferentes categorias. O pontapé inicial foi dado na Unesp, com o campus de Ilha Solteira parando no dia 11 de maio, Rio Claro no dia 17 e Marília no dia 19. A partir daí, a adesão espalhou-se por todas as suas unidades rapidamente. Para a Adunesp e o Sintunesp, essa radicalização deveu-se, também, à situação específica da instituição, onde são mais dramáticos os resultados da expansão de cursos e unidades, levada à frente pela atual administração sem garantia de verbas e ao arrepio da comunidade. Um saldo importante, para as entidades, foi a reafirmação da greve como instrumento legítimo de luta, capaz de arrancar conquistas em cenários extremamente adversos a ganhos reais para os trabalhadores.

...continua...

Trabalhadores do Ceeteps continuam mobilizados - *Pág. 4*

É hora de luta contra a Reforma Universitária - *Pág. 4*